

NESTA SEMANA a Fiesp, por meio do seu Departamento de Agronegócio (Deagro), e o Icone apresentaram suas projeções para o Agronegócio Brasileiro em 2022, o chamado "Outlook Brasil 2022", com o objetivo de oferecer uma visão de longo prazo para os diversos elos das cadeias produtivas do agro, de modo a instrumentalizar a indústria que opera antes das porteiças das fazendas — insumos agropecuários — e a que trabalha depois das porteiças — indústria de alimentos — para se posicionarem ante à dinâmica futura da nossa agropecuária.

Trata-se do resultado de três anos de trabalho conjunto do Deagro/Fiesp e Icone, que tomou por base o modelo do Fapri (Food and Agricultural Policy Research Institute) usado desde 1980 pelos Estados Unidos e aperfeiçoado para a nossa realidade.

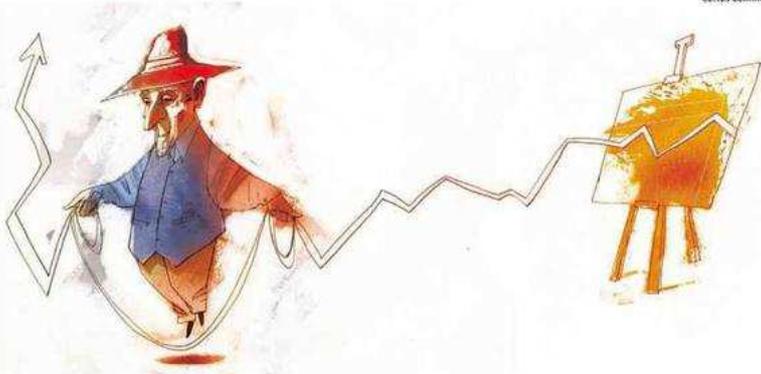
Foram analisados os seguintes produtos: arroz, feijão, milho, complexo soja, algodão, trigo, cevada, açúcar e álcool, ovos e as três carnes (bovina, suína e de aves), observadas as suas áreas de cultivo, produtividade, consumo doméstico, produção, exportações líquidas e estoques.

A partir das projeções para os diferentes produtos, foram analisados seus impactos na dinâmica do uso da terra, na demanda por fertilizantes e a logística de transportes, bem como os impactos sociais e econômicos, como emprego e PIB.

Os resultados indicam que as exportações desses produtos aumentarão até 2022 num ritmo menor do

Novas projeções para o agro

ROBERTO RODRIGUES



Carlos Camilina

que nos últimos dez anos (à exceção da carne bovina), mas, mesmo assim, o crescimento será acima da média mundial. Com isso, nossa participação relativa nas exportações globais desses produtos também aumentará.

Em relação às carnes, aumentaremos o nosso market share entre 2011 e 2022. Saltaremos de 26,1% para 38% em carne bovina, de 50% para 54,1% na de frango e de 10,5% para 13,4% na suína.

Nossa participação nas exportações mundiais de soja saltará de 34,7% para 41,2%; já no açúcar o salto será de 67,6% para 73%.

Se não houver estímulo à produção de arroz e feijão, o Brasil terá de importar esses alimentos em 2022

No entanto, se não houver maior estímulo para a produção de arroz e feijão, o consumo desses importantes alimentos dependerá de importações em 2022, respectivamente de 4,6% e de 2,4% da demanda nacional.

No quesito uso da terra, haverá redução de 63% no ritmo de incorporação de novas áreas: entre 2002 e 2011, foi incorporado 1,212 milhão

de hectares por ano e, de 2012 a 2022, 443 mil hectares por ano.

Em compensação, a produtividade de média dos grãos crescerá 11,4% até 2022, preservando 5,2 milhões de hectares. Em outras palavras, a área plantada com grãos crescerá 15,9% e a produção, 29,1%.

Fato auspicioso é o crescimento da produção nacional de fertilizantes, que será da ordem de 79% até 2022, o que reduzirá nossa dependência de importação de NPK de 71% para 56%.

O PIB dos produtos analisados crescerá 42% (saltará de R\$ 408,3 bilhões em 2010 para R\$ 578,2 bi-

lhões em 2022), mas perderá participação no PIB total do país devido ao desempenho do setor de serviços. Todo esse esforço gerará 5,7 milhões de novos postos de trabalho, o que significa aumento de 34% sobre os empregos existentes no setor em 2010.

Por fim, o estudo mostra a pungente necessidade de melhorar a estrutura de transportes e dos portos: em 2022, 87,5% dos principais portos do país atuarão acima da sua capacidade. Por outro lado, se o PAC sair do papel e forem aplicados os R\$ 44 bilhões previstos para investimentos em ferrovias, teremos uma melhoria importante no transporte ferroviário, cuja participação no escoamento dos produtos do agro saltará de 22% para 40%.

Esse será um fator determinante para a melhoria da competitividade do nosso setor, desde que o custo do frete ferroviário passe a se diferenciar de forma significativa em relação ao rodoviário.

Em resumo, o excelente estudo Fiesp/Icone mostra que as projeções feitas no ano passado pela OCDE, segundo as quais o Brasil precisa crescer 40% na sua produção de alimentos para que o mundo cresça 20%, não estão fora da realidade. Vamos chegar lá.

ROBERTO RODRIGUES, 69, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura (governo Lula). Escreve aos sábados, a cada 14 dias, nesta coluna.

rr.ceres@uol.com.br

AMANHÃ EM MERCADO:
John Gapper

Brasil passa México e é 7º no setor de TI

Setor movimentou US\$ 102 bilhões; companhias que prestam serviço terceirizado têm maior desempenho

Avanço foi de 11% em 2011, puxado por empresas que investiram em aumento da produtividade

HELTON SIMÕES GOMES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Com receita de US\$ 102,6 bilhões em 2011, o setor brasileiro de tecnologia da informação desbancou o México e se tornou o sétimo mercado do mundo.

Adiantados com exclusividade pela **Folha**, os dados foram levantados pela consul-

toria IDC e pela Brasscom (Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação).

Com crescimento em ritmo maior que o da economia, a receita do setor inflou 11% ante 2010, enquanto o PIB cresceu 2,7% no período.

Segundo Antônio Gil, presidente da Brasscom, o crescimento três vezes maior que o PIB ocorre devido aos preparativos das empresas para acompanhar o bom momento do Brasil, o que resulta em investimentos para melhorar processos, no que a tecnologia influencia diretamente. Márcio Stefanini, presiden-

te da Stefanini, concorda.

"A indústria brasileira só se desenvolveu desse jeito para atender diversos ramos de negócio." A empresa faz aplicações personalizadas como o desenvolvimento de internet banking para os 15 maiores bancos e faturou R\$ 1,24 bilhão em 2011.

A corrida empresarial para criar robustez se reflete no desempenho dos segmentos de TI que mais crescem. As companhias de tecnologia que prestam serviços terceirizados, setor chamado de BPO (Business Process Outsourcing), tiveram maior crescimento de receita.

No Brasil, o nicho teve alta de 19,5%, para US\$ 5,61 bilhões.

Outro segmento representante dessa situação é o de TI in-House (desenvolvimento de soluções tecnológicas feito dentro de empresas como bancos), que teve receita 16,7% maior, para US\$ 46,12 bilhões. A IDC não contou o in-House para montar a lista.

Apesar do resultado, a receita do setor poderia ter chegado a US\$ 130 bilhões, segundo a Brasscom.

"Há áreas que estão absolutamente virgens como saúde, educação e a de bancos para classes E e D", diz Gil.

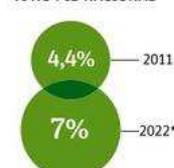
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

No ranking dos maiores mercados, Brasil sobe uma posição em 2011

RANKING DE TI

2010	2011	
1º	1º	EUA
2º	2º	Japão
3º	3º	China
4º	4º	Reino Unido
5º	5º	Alemanha
6º	6º	França
8º	7º	Brasil
7º	8º	México
9º	9º	Argentina
10º	10º	Colômbia

PARTICIPAÇÃO DA TI NO PIB NACIONAL



* Estimativa. Fonte: Brasscom e IDC

AVIAÇÃO

Gol corta custos, mas não evita perda de R\$ 41,4 milhões

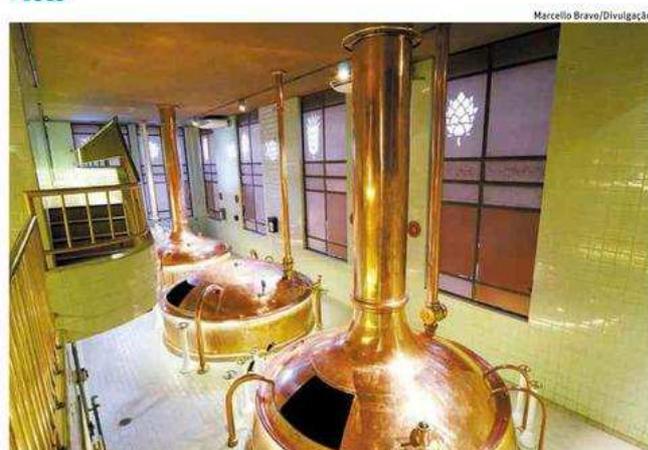
DE SÃO PAULO - Mesmo após adotar medidas de redução de custos, a Gol encerrou o primeiro trimestre com prejuízo líquido de R\$ 41,4 milhões — ante lucro de R\$ 69,4 milhões no mesmo período de 2011.

Operacionalmente, contudo, a empresa voltou para o azul, com pequeno lucro de R\$ 7,3 milhões (margem de 0,3%).

Ao lado do câmbio, o combustível, maior responsável pela perda de R\$ 710 milhões do ano passado, afetou de novo os resultados. As despesas com abastecimento aumentaram 23,6% no primeiro trimestre.

Esse insumo já representa 44,1% dos custos totais da companhia. No mesmo período de 2011, representava 38%.

> FOCO



Marcello Bravo/Divulgação

Tonéis no museu da Bohemia, parte de complexo de R\$ 65 mi da AmBev em Petrópolis (RJ)



A imagem do 'Rei do Pop'

PIRATARIA

Fiesp lamenta situação do Brasil em lista dos EUA

DE WASHINGTON - A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo lamentou a manutenção do Brasil, pelos EUA, na lista de países sob observação por causa da fragilidade das práticas de proteção à propriedade intelectual.

O Relatório Especial 301 lista países que aceitam ou praticam a pirataria de bens de consumo, remédios e produção audiovisual.

A edição de 2012 foi lançada na segunda-feira pelo órgão do governo para comércio exterior nos EUA, o USTR. De 77 países analisados, 13 estão na lista prioritária, entre eles todos os Brics.

"Estes apresentam razões para preocupação maior em